

VIII ENECIÊNCIAS 2024

REFLETINDO SOBRE O CURRÍCULO E O COTIDIANO ESCOLAR ATRAVÉS DO FILME ESCRITORES DA LIBERDADE

Caroline Martins Brandão

Secretaria Municipal de Educação de Queimados (SEMED Queimados)
carolbrandao20@gmail.com

Elizabeth Bozoti Pasin

Colégio Pedro II (CPII)
bethpasin@cp2.g12.br

Christiane Coelho Santos

Colégio Pedro II (CPII)
christiane.santos@cp2.g12.br

RESUMO

Este trabalho visa demonstrar o potencial de reflexões que unem teoria e prática pedagógica através do uso de filmes na formação continuada de professores. Dos lugares de docentes e discente da disciplina “Currículo – por quê, para quê e para quem ensinamos?”, parte do currículo do curso de Especialização em Ensino de Ciências e Biologia, trazemos uma narrativa elaborada no contexto de avaliação da disciplina, que propunha a realização de resenha crítica de um filme que promovesse reflexões sobre a educação e/ou a escola. A partir dela, demonstramos a importância de propostas avaliativas que mobilizem conhecimentos e afetos, caros e necessários à profissão docente – que podem, ainda, ganhar novos desdobramentos ao longo da carreira dos professores em formação. Além disso, os resultados dessa experiência pedagógica ratificam a pertinência de espaços de compartilhamento de saberes experienciais entre docentes que estão em diferentes momentos de sua prática profissional.

Palavras-chave: avaliação; formação continuada; currículo.

INTRODUÇÃO

No presente relato, delineamos as potencialidades do uso de filmes que retratam fragmentos, situações e narrativas da sala de aula, e da educação de forma mais ampla, para fomentar

Realização:



Apoio:



VIII ENEFICIÊNCIAS 2024

reflexões acerca do Currículo e do cotidiano escolar. Concordamos com Baczinski (2022, p. 3) que a fusão de “aspectos aparentemente distintos como a racionalidade da ciência e a sensibilidade da arte” pode construir relações inovadoras, amplas, dialógicas e progressistas. E entendemos o Currículo como intrinsecamente relacionado e estruturante do cotidiano escolar, pois, como nos aponta Gomes (2009, p.9), os currículos:

São uma construção e seleção de conhecimentos e práticas produzidas em contextos concretos e em dinâmicas sociais, políticas e culturais, intelectuais e pedagógicas. Conhecimentos e práticas expostos às novas dinâmicas e reinterpretados em cada contexto histórico.

Aqui fazemos o relato da potencialidade de reflexões que unem teoria e prática pedagógica através do uso de filmes na formação continuada de professores. Essa potencialidade se materializa por meio de uma narrativa elaborada em 2020 pela primeira autora, quando era aluna da disciplina “Currículo – por quê, para quê e para quem ensinamos?”. A disciplina foi criada e inserida na matriz curricular do curso de Especialização em Ensino de Ciências e Biologia desde a primeira turma, ingressa em agosto de 2018, possuindo uma carga horária de 30 horas. As coautoras deste artigo conceberam a disciplina e ministraram-na a diversas turmas, dentre as quais a da primeira autora. A disciplina inclui discussões sobre a história do currículo e as teorias curriculares; concepções em educação em Ciências e Biologia e suas relações com o planejamento curricular; políticas curriculares; a influência do contexto sócio-histórico-cultural, dos livros didáticos e das avaliações de larga escala no currículo e o currículo como espaço de disputas.

ESTRUTURAÇÃO DA AVALIAÇÃO – FÓRUM SOBRE FILMES

Uma das avaliações da disciplina consiste na análise de um filme, dentre uma lista de obras que percebemos estar relacionada à educação de forma mais ampla ou à escola. A análise

Realização:



Apoio:



VIII ENECIÊNCIAS 2024

pressupõe que a/o cursista correlacione o filme que lhe coube assistir a temáticas e conceitos que foram discutidos na disciplina e ao cotidiano escolar vivenciado por ela/ele. Trata-se de uma avaliação individual, postada na forma de resenha crítica em fórum da plataforma *Moodle*.

Os filmes propostos pelas docentes à turma de 2020 foram: “Escritores da Liberdade” (com sete resenhas, sendo uma delas o objeto principal deste relato); “O menino que descobriu o vento” (sete resenhas); “Capitão Fantástico” (sete resenhas); “O sorriso da Monalisa” (inicialmente seriam seis resenhas, mas foram realizadas cinco). Posteriormente à divisão dos filmes, uma discente não conseguiu acessar o filme “O sorriso da Monalisa” e realizou sua resenha sobre o filme “Sementes Podres”. A turma de 2020 contava com 27 cursistas. Considerando as diferentes edições da disciplina, houve pequenas alterações nessa listagem sugerida, entretanto, o filme "escritores da Liberdade" esteve presente em todas.

A seguir, apresentamos o texto elaborado pela primeira autora, enquanto discente do curso planejado e ministrado pelas coautoras deste trabalho. Optou-se por mantê-lo na primeira pessoa do singular, conforme fora redigido originalmente, embora as reflexões realizadas estejam permeadas pelas discussões proporcionadas pela disciplina – o que se evidencia pelas menções feitas às aulas e à bibliografia do curso.

NARRATIVA SOBRE O FILME ESCRITORES DA LIBERDADE E SUA CONEXÃO COM O CURRÍCULO E O COTIDIANO ESCOLAR

“Escritores da liberdade” (2007) é baseado no *best-seller The Freedom Writers Diaries* e se passa na cidade suburbana de Long Beach (Estados Unidos), em uma escola que passara recentemente a atender alunos não brancos, refletindo internamente conflitos inter-raciais e o racismo (estrutural e institucional) que persistem na cidade e no país. Apesar do programa de integração obrigatório em que a escola é inserida, há classes distintas para os mesmos

Realização:



Apoio:



VIII ENECIÊNCIAS 2024

anos: classes especiais para os “estudantes notáveis”, compostas exclusivamente por pessoas brancas; e o que seriam as classes comuns, compostas por uma enorme diversidade étnico-racial – alunos de origem latina, africana, asiática, os quais se agrupam em gangues que se relacionam através do preconceito e da violência. A protagonista, professora Erin Gruwell, começa a trabalhar lecionando inglês e literatura para o 1º ano do ensino médio da escola em uma classe comum. Esse é o início da sua carreira docente e ela demonstra notórios comprometimento ético e amor pela profissão.

Já no início do filme, a fala de alguns personagens explicita que os alunos “integrados” eram considerados um problema para as instituições de ensino, sendo estigmatizados por isso. Segundo a chefe de departamento do colégio: “desde que começou a política de integração perdemos 75% dos nossos melhores alunos”. O pai de Erin, por sua vez, desencorajava-a ao cargo: "você vai desperdiçar o seu talento com pessoas que não ligam um pingô pra Educação". Essas falas trazem elementos interessantes para um paralelo com a realidade do nosso fazer docente, pois a política de integração a que o filme faz referência podem ser relacionadas com processos de “integração” na educação brasileira em duas instâncias. Primeiro, pela obrigatoriedade relativamente recente da maior parte do ensino básico. Ainda que precariamente em grande parte dos casos, hoje as parcelas mais subalternizadas da população passaram a ocupar mais os espaços de escolarização.

Em outra instância, em função das ações afirmativas, aumentou o contingente de estudantes de grupos historicamente vulnerabilizados nas universidades e escolas públicas que têm ingresso mediante concurso. Porém, eles seguem enfrentando preconceitos enraizados e uma postura mais ou menos explícita de estranhamento à sua presença nesses espaços, como acontece no filme. Não é incomum ouvirmos comentários dizendo, por exemplo, que houve uma diminuição da qualidade das universidades públicas com o maior ingresso de alunos de

Realização:



UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



CECG Centro
de Formação
Professora
Carolina Garcia

Apoio:



VIII ENECIÊNCIAS 2024

escolas públicas, ou de que estas “já não são como antigamente” porque hoje atendem a um “público diferente”.

Esse cenário coaduna com parâmetros e propostas curriculares engessados que nada ou pouco contemplam os estudantes dos grupos vulnerabilizados, como acontece no filme. Diante disso, é quase inevitável que estudantes sejam tachados como “quem não liga para a Educação”, ou como fadados a baixos rendimentos. Aqui cabem as perguntas que direcionaram as discussões na disciplina: “por que, para que e para quem ensinamos?”. Nesse sentido, o filme propõe já de antemão uma importante reflexão: a exclusão e o fracasso escolares começam com a imposição de currículos prescritos, construídos por e para um determinado grupo e seus interesses, em detrimento de outros, e sem incorporar amplamente as mudanças profundas pelas quais a sociedade está passando.

Erin enfrenta muitas dificuldades inicialmente, pois os alunos não aceitam seus métodos, os conteúdos, tampouco parecem tolerar sua presença na sala de aula; em geral, estar na escola não faz sentido para eles. Destaca-se uma fala interessante, em que uma das alunas confronta Erin: *"Você não sabe de nada, não sabe a dor que a gente sente, não sabe o que gente tem que fazer, não tem respeito nenhum pelo modo como vivemos. Você vem aqui ensinar essa droga de gramática, e depois a gente tem que voltar pra rua e o que você sabe disso? O que você ensina aqui que muda alguma coisa na minha vida?"*.

Aqui cabem as reflexões que fizemos na disciplina sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) – uma base repleta de prescrições homogeneizadoras, que tolhem a criatividade e a autonomia docente, ao mesmo tempo que impõem conteúdos, competências e habilidades a serem desenvolvidas. As falas citadas anteriormente remetem à premente necessidade de partir da realidade, do contexto da escola e de seus sujeitos, das situações-problema que eles enfrentam, para um fazer educacional que tenha realmente sentido tanto para professores quanto para alunos.

Realização:



Apoio:



VIII ENEFICIÊNCIAS 2024

Isso não significa que não possamos ou não devamos ensinar os conteúdos referentes às nossas disciplinas, privando certos grupos do conhecimento científico socialmente construído e acumulado, simplesmente alegando que teriam “coisas mais importantes” com que lidar. Young (2011) afirma que é preciso permitir que todos tenham acesso a um certo rol de conhecimentos mínimos para que não sejam perpetuadas as situações de desvantagem social. Concordo em certa medida com essa afirmação, contudo, a questão que se coloca é: a quem está servindo esse conhecimento, se simplesmente o transmitimos de forma pretensamente homogênea, para grupos que notoriamente partem de condições heterogêneas e privações de direitos diversas? Esse conhecimento é realmente significado pelos educandos?

Em crítica à proposta da BNCC, Macedo (2015) afirma que o caráter público da educação parece perder espaço com os direitos *de aprendizagem* sendo definidos como direitos *à aprendizagem de conteúdos*, que passam a ser os objetivos em si mesmos da educação e que supostamente garantiriam aos alunos o direito abstrato de ser sujeito, cidadão. No entanto, quando se deparam com esses “direitos à aprendizagem de conteúdos”, os alunos costumam reagir como os de Erin – cujas falas poderiam partir de um estudante das periferias brasileiras. Nesse sentido, cabe mencionar um trecho de Paulo Freire em “Pedagogia da Esperança”, em que usa o ensino de ciências e biologia como exemplo:

"E não se diga que, se sou professor de biologia, não posso me alongar em considerações outras, que devo apenas ensinar biologia, como se o fenômeno vital pudesse ser compreendido fora da trama histórico-social, cultural e política. Como se a vida, a pura vida, pudesse ser vivida de maneira igual em todas as suas dimensões na favela, no cortiço ou numa zona feliz dos 'Jardins' de São Paulo. Se sou professor de biologia, devo ensinar biologia, mas, ao fazê-lo, não posso seccioná-la daquela trama." (Freire, 2021, p. 109)

Realização:



Apoio:



VIII ENECIÊNCIAS 2024

Quando Erin começa a se dar conta das condições precarizantes de vida dos educandos, das angústias que eles carregam e do quanto se sentem invisibilizados e rejeitados pela sociedade e pela escola, começa a buscar alternativas nas suas práticas pedagógicas, que paulatinamente permitem que eles se aproximem entre si e dela. É especialmente interessante quando ela propõe a dinâmica da fita no chão, em que eles puderam, sem exposição direta ou constrangimentos, perceber que tinham mais semelhanças entre si do que diferenças. Também puderam perceber que todos vivenciavam conflitos e situações de opressão tremendas e que, de alguma forma, eles faziam parte de uma mesma classe, embora constituíssem um grupo diverso.

Isso me remeteu a reflexões de Gomes (2007), que coloca algumas tarefas/desafios ao fazermos um "trato pedagógico da diversidade" para contemplá-lo no currículo. Um deles é refletir sobre o que entendemos por diversidade, uma vez que essa não se constrói no vazio, e sim no contexto social. Assim como a política de integração do filme colocou na escola diferentes grupos em conflito sem qualquer respeito ou sensibilidade à sua diversidade, o sistema educacional brasileiro também tem feito isso quanto a outros espectros da diversidade social, à medida que silencia, por exemplo, as discussões sobre gênero e sexualidade, entre outras.

Erin foi sensível a isso: passando a incorporar situações-problema no seu currículo ativo, ela conseguiu estabelecer um campo mais aberto à escuta mútua, à troca e à participação dos estudantes, que passaram a se perceber vistos e ouvidos. Isso ganha vulto com a ideia de dar a eles diários para que narrem suas próprias histórias, com autonomia e liberdade para escolherem se elas seriam lidas ou não, e por quem. Todo esse movimento remete à importância de uma educação alicerçada nos direitos humanos, socialmente referenciada, que pode ser feita através da abordagem dos "conteúdos cordiais" que foram comentados no curso (Teixeira; Oliveira; Queiroz, 2019). Considero que esta foi a mensagem mais

Realização:



Apoio:



VIII ENECIÊNCIAS 2024

inspiradora do filme: é possível (e preciso) construir nosso próprio currículo, à medida que tenhamos coragem de tomar certas decisões a respeito do currículo escrito, colocando-o em ação de modo a respeitar as realidades existenciais dos sujeitos educandos.

Essa história verídica me remete à Pedagogia do Oprimido (Freire, 2018b, p. 98), em que Paulo Freire fala da necessidade da “emersão” da consciência oprimida para que consiga perceber a sua realidade de forma objetiva, a fim de perceber a opressão que sofre. Segundo essa perspectiva, é para isso que devemos ensinar, de modo que a educação seja um meio para a libertação da opressão, e para que o oprimido não almeje se tornar um opressor. Erin faz isso à medida que constrói seu fazer docente *a partir* da experiência de opressão que os estudantes vivenciam, objetivando que o que eles aprendem seja utilizado como ferramenta para problematizar e questionar as condições que os desumanizam e os colocam uns contra os outros. Com isso, ela consegue fazer com que, através desse espaço educativo, eles possam vislumbrar novas e mais dignas formas de viver.

Outro ponto interessante foram alguns comentários dos alunos durante um conflito que começou com um desenho satirizando o aluno negro, em que Erin diz que, para que sejam respeitados, eles precisam respeitar. Um dos alunos responde: *"Que papo furado. Por que eu tenho que te respeitar? Por que você é professora? Eu não sei nada de você. Como vou saber se posso confiar em você?"*. Isso me remete às reflexões de Goodson (2000) sobre a importância da voz do professor, de sua história também ser estudada, contada e reconhecida como uma variável importante na constituição da sua prática docente. Em nosso debate em aula, comentamos sobre a tendência de o professor se reconhecer, ainda que às vezes inconscientemente, como um ser a-histórico, tentando neutralizar as influências do seu contexto social na sua prática. Acredito que, assim como ocorreu no filme, em nosso fazer docente isso também pode promover um afastamento dos alunos pela ausência de identificação conosco, gerando falta de confiança. Para a pedagogia do oprimido de Freire

Realização:



UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



**CF
CG** Centro
de Formação
Professora
Carolina Garcia

Apoio:



VIII ENECIÊNCIAS 2024

(2018b), a confiança é componente fundamental da prática dialógica e, por conseguinte, de uma educação como prática da liberdade e não como prática de domesticação dos sujeitos.

Na continuação do supracitado conflito, após o aluno afirmar que não vai confiar em Erin apenas porque a chamam de professora, uma aluna fala: “*Branços querem ser respeitados como se fosse uma obrigação*”, ao que Erin responde que ela é simplesmente uma professora, não importando sua cor. No entanto, ela não percebia até aquele momento que isso importava de diversas formas: porque ela ocupava uma posição de poder em relação a uma maioria de estudantes não brancos; porque, como a maioria dos professores no país, ela era branca, e mais uma vez os jovens não brancos não se viam representados em carreiras prestigiadas; entre outras. A simples imagem de Erin, enquanto uma mulher branca numa posição de prestígio e de poder naquele contexto de interação, fez com que os alunos se sentissem ameaçados e com sua autoestima rebaixada.

Essa passagem do filme, embora curta, soa-me como um chamado importante ao alargamento de nossa sensibilidade, no sentido de estarmos vigilantes para percebermos posições de privilégios (enquanto pessoas brancas e/ou homens e/ou heterossexuais, etc.). Tais posições, ainda que não exploradas conscientemente para exercer poder sobre os educandos, transmitem mensagens implícitas e subjetivas em função da própria estrutura social em que estamos inseridos. Porém, em nosso fazer docente, é preciso que façamos um esforço ativo para desconstruir seu conteúdo e que afirmemos o oposto dos sentidos que elas tentam perpetuar. Aqui, mais uma vez, uma educação centrada nos direitos humanos e sensível aos “conteúdos cordiais” (Teixeira; Oliveira; Queiroz, 2019) é fundamental, pois apenas uma afirmação retórica não é suficiente – é preciso que ela se traduza em práticas que imprimam novos significados à experiência vivenciada na escola.

Por fim, é preciso comentar que Erin fez tudo isso ao largo do apoio da escola e da secretaria de educação. Sua empreitada só foi possível às custas de sacrifícios pessoais – trabalhando

Realização:



UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



**CF
CG** Centro
de Formação
Professora
Carolina Garcia

Apoio:



VIII ENECIÊNCIAS 2024

muito além do tempo para o qual era contratada, empregando recursos próprios e inclusive tendo de trabalhar em outros locais para custear as atividades e materiais extras dos estudantes, etc. Isso não deve ser normalizado; a atividade docente não deve requerer isso do professor, pois, embora nosso trabalho tenha uma relevância social diferenciada em relação a tantos outros, é preciso que sejam dadas condições justas para que ele seja realizado de forma satisfatória.

Feita essa ressalva, vale destacar que Erin foi constantemente desencorajada por pessoas que, por esta ou aquela motivação, desejavam manter o estado de ser das coisas, embora levantassem a bandeira da educação. Ela ouviu discursos como “*não há como fazer algo separadamente em cada turma*” ou “*o método precisa ser praticável e reaplicável num sistema que precisa atender milhares de alunos*” – questões que precisam ser, de fato, sopesadas e refletidas. Porém, só teremos a oportunidade de promover mudanças tentando, como fez Erin, que incorporou uma série de saberes necessários à prática educativa, segundo as pressupõe Freire (2018a, p.110), em “Pedagogia da Autonomia”. Eu diria que principalmente este:

O que se coloca à educadora ou ao educador democrático, consciente da impossibilidade da neutralidade da educação, é forjar em si um saber especial, que jamais deve abandonar, saber que motiva e sustenta sua luta: *se a educação não pode tudo, alguma coisa fundamental a educação pode.*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A narrativa, embasada na literatura da área e carregada de afetos e *insights*, é contundente para evidenciar que a experiência de uso de filmes facilita a correlação entre a prática pedagógica dos cursistas e os conteúdos, conceitos e teorias discutidas na disciplina. O fato de as resenhas serem feitas mediante a escrita em fórum abre espaço para o compartilhamento de saberes experienciais entre docentes que estão em diferentes

Realização:



Apoio:



VIII ENECIÊNCIAS 2024

momentos de sua prática profissional. A atividade favorece uma rica troca que mobiliza conhecimentos e afetos extremamente caros e necessários à nossa profissão, tão complexa e, muitas vezes, carente de espaços e tempos de colaboração.

Ademais, as reflexões proporcionadas podem ser substrato para novas práticas e pesquisas pelos professores em formação. Esse foi o caso da primeira autora, que, anos depois, no seu mestrado, adaptou aspectos do filme para a metodologia de sua pesquisa, bem como retornou diversas vezes à resenha outrora escrita para lembrar todas as indagações que a experiência avaliativa aqui relatada lhe provocou.

REFERÊNCIAS

BACZINSKI, M. G. Entre o lúdico e o estético – delimitando um campo investigativo em Ensino de Ciências. **Educação Pública – Divulgação Científica e Ensino de Ciências**, v.1, n.1, p. 1-21, 2022.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 57. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018a.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 66. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018b.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

GOMES, N. L. **Indagações sobre o currículo: diversidade e currículo**. Organização do documento por Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

GOODSON, I. F. **Dar voz ao professor: As histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional**. In: NÓVOA, A. **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2000.

MACEDO, E. Base Nacional Comum para Currículos: direitos de aprendizagem e desenvolvimento para quem?. **Educação & Sociedade**, v.36, n.133, p. 891-908, 2015.

Realização:



Apoio:



VIII ENECIÊNCIAS 2024

TEIXEIRA, P. P.; OLIVEIRA, R. D. V. L. de; QUEIROZ, G. R. P. C. **Conteúdos Cordiais: Biologia Humanizada Para uma Escola sem Mordça.** Butantã: Livraria da Física, 2019.

YOUNG, M. F. D. **O futuro da educação em uma sociedade do conhecimento: o argumento radical em defesa de um currículo centrado em disciplina.** Revista Brasileira de Educação, v.16, n.48, 2011.

Realização:



Apoio:

